



O Jornal das Senhoras - Tomo II - 28 de novembro de 1852 - Edição 48

Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1852_00048.pdf

TOMO II.—DOMINGO, 28 DE NOVEMBRO DE 1852.

O JORNAL DAS SENHORAS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.

KAROLINA

NOVELLA POLACA.

(CONTINUADO DO N. 47.)

A primeira intenção de Karolina foi de fazer parar a carruagem, mas reflectindo melhor, abaixou o véo e começou a chorar. Na primeira muda ou parada, pegou na penna e escreveu a seu marido as seguintes palavras.

« Vós variaes os meus supplicios, tendes o instincto da crueldade! Não vos bastava uma só victima, é mister que os meus desgostos alcancem tambem a meus pais! Ah! que pensará minha pobre mãe vendo que não me acompanhais no dia dos annos de meu pai! Que posso eu dizer-lhe para vos desculpar? Sim, no vosso coração não ha compaixão, nem bondade, nem religião! »

« Se soubesseis Leão quanto eu soffro, por certo me perdoarieis o azedume das minhas queixas! Até aqui não me faltou a coragem; soube occultar as lagrimas e calar os gemidos, mas agora pensando em minha mãe, sinto-me fraca. Compadecei-vos de mim, Leão; protegeei-me contra a vossa indiferença; escrevei-me. Seja a unica, a derradeira graça que eu vos peça, a de me dizerdes em que dia posso esperar-vos?! »

Depois de uma viagem de nove dias, chegou Karolina a Warsovia.

Ao aproximar-se á *rua comprida* onde seus pais moravão, o coração lhe bateu com tanta força, que sentiu despedaçar-se-lhe o peito: não sabia que palavras inventaria para desculpar o procedimento de Leão; mas o *copeiro*, costumado a não olhar á vida senão pelo lado

positivo das cousas, veio em seu soccorro, dizendo-lhe: « Fez bem teu marido em não te acompanhar, porque era mais importante acabar elle com os seus negocios. » Estas palavras pozerão Karolina mais á sua vontade para poder gozar da felicidade de tornar a ver seus pais.

A ausencia da sensibilidade simplifica muito a existencia: as pessoas que sentem pouco, vivem mais felizmente: a delicadeza, a susceptibilidade, estes dois tormentos que tanto amofinão aos outros, lhes são desconhecidos; vêem só os factos materiaes; e a vida dos entes profundamente sensiveis, compõe-se menos do que é, do que d'aquillo que não é.

O natalicio do *copeiro* passou-se excellentemente; foi alegre e esplendido o banquete: todos parecerão contentes, todos menos, o *palatino*; homem de espirito e zeloso das apparencias, julgou severamente da conducta de seu filho. Não lhe perdoava o ter faltado a um dever de um modo tão patente e ostensivo. De mais esperava que Leão se demoraria em Warsovia tempo bastante para poder ir a Pulawi no dia de Santa Isabel, padroeira de Mme. Czartowska. O gosto antecipado de poder apresentar seu filho e sua nora á Mme. Zamoyska, o havia extasiado; e tudo isto via malogrado por culpa de Leão.

Era da intenção do palatino fazer estrear no mundo sua nora conduzindo-a a Pulawi: admirador apaixonado da bella condessa Zamoyska, parecia-lhe que bastaria á Karolina ouvil-a e contemplal-a só, para beber a sôrvos a sua tocante linguagem, e se impregnar das suas elegantes maneiras.

Cumpre confessar que esta mulher era na verdade admiravel pela sua graça e amabilidade: garbo, olhos, sorriso, cabellos, galas, tudo nella servia de termo de comparação. Dava-se a patente de belleza á mulher de quem se dizia.—Se não é affectada parece-se algum tanto com Mme. Zamoyska.

O palatino tendo perdido de todo a esperança de levar Leão á Pulawy, disparou toda a sua cólera sobre Karolina.

— Não compreendo, lhe disse elle, que tenhais tão pouco dominio sobre vosso marido. Que figura fareis no mundo, onde ides entrar, se vos falta certa astucia e esperteza? duas qualidades estas, sem as quaes a mulher é escrava do homem.

Depois deste repente, partiu o palatino para Pulawi.

Passarão-se dias sobre dias, e Leão não chegava, e nem as cartas de Karolina tinham resposta.

O homem que ficara de administrador em Miodoborce escrevia ao copeiro, e pedia-lhe que apresentasse os seus respeitos ao Sr. conde Leão e a Sra. condessa. O copeiro cuja intelligencia era vagarosa, não comprehendia nada disto; pensava que Leão teria ido reunir-se á seu pai em Pulawi; mas quando viu este voltar sósinho, a cólera o tomou, e então começou a perceber.

O palatino procurava, o melhor que podia, desculpar a seu filho, dizendo que andava á caça.

— Embora na caça, replicava o copeiro, esta paixão não o dispensa de escrever.

— Se o desculpo entre nós, respondeu o palatino, não deixo de o reprehender asperamente no meu particular, e já lhe escrevi uma carta, que certamente o fará voltar com brevidade. No entretanto que não chega, quero alfiar o palacete da condessa, porque Karolina deve deslumbrar por seu luxo tudo o que até agora se tem visto.

Estas palavras, como que por encanto, socegáram ao copeiro.

Continua.

UM RETRATO.

Na escala do nosso globo está collocado um homem, obra prima da criação terrestre. Contempladores das obras do Omnipotente, vossa admiração se esgotará á vista desta obra maravilhosa. Penetrados da nobreza do objecto, quereríeis exprimir fortemente todas as suas bellezas, mas o vosso pincel, sendo demasiado fraco, não corresponde á vivacidade das vossas concepções. Como conseguir traçar com energia suas admiraveis proporções, seu porte nobre e magestoso, suas feições cheias de força e de grandeza, sua cabeça ornada de agradaveis cabellos, sua testa aberta e elevada, seu coração que sente e exprime o mais subido amor, a mais terna amizade, seus olhos vivos e scintillantes, interpretes eloquentes dos sentimentos da alma, essa boca, sede do riso, órgão da palavra; esses ouvidos, cuja extrema delicadeza apanha até a mais pequena variação de um tom; essas mãos preciosas, esse peito aberto e

sobrelevado com graça, esse porte rico e desembaraçado, essas pernas, elegantes columnas que correspondem

— 171 —

perfeitamente ao edificio que ellas sustentão; esse pé, finalmente, base estreita e delicada, mas cuja solidez e movimento são mais que maravilhosos!... e mais dissera se podesse!!!

A LUA.

AO MEU AMIGO AUGUSTO AMERICO DE FARIA ROXO.

Salve, ó lua magestosa,
Percorrendo vagarosa
Esses espaços sem fim;
Como formosa princeza,
Que ostenta sua belleza
Assentada em seu coxim.

Tu caminhas indolente,
Como a filha do oriente
Com seu meigo devaneio;
Como virgem amorosa
Arfando toda anciosa
Seu nevado e casto seio.

Tu não sabes que influencia
Tem essa tua indolencia
Sobre mim, q'amo a scismar;
Quando a terra adormecida,
Parece que só tem vida
Em teu risonho luar.

Então me lembro saudoso
Desse luar venturoso,
Onde os meus dias passei;
Do tranquillo Bibiribe,
Do claro Capibaribe,
Onde em pequeno brinquei.

Desse formoso Recife,
Como um elegante esquife
Sobre as aguas a boiar;
Dessa moderna Veneza,
Do Atlantico princeza,
Toda franjada de mar!

Da gente, que eu mais amava,
Dos parentes que estimava,
Que lá sentido deixei;
De tudo me lembro agora
Nesta tão suave hora
Com saudade, que eu só sei.

Salve, ó lua magestosa,
Percorrendo vagarosa
Esses espaços sem fim!
Eu tambem lá suspirava,
Quando uma nuvem occultava
Tua face de setim!

Tu tinhas lá mais alvura,
Inspiravas mais ternura,
Parecias-me sorrir:
Teus raios se retratavão
Nas aguas que circundavão
Toda a cidade a dormir.

Aqui tens a luz mais baça,
Muitas vezes tão escassa,
Que plantas no coração
Melancolica tristeza
De quem vê a natureza
Em profunda solidão!

Salve, ó lua magestosa,
Percorrendo vagarosa
Esses espaços sem fim!
Amo sempre tua vinda
Porque julgo que é mui linda
Tua face de setim!

Porque me lembra essa terra,
Que não só minh'alma encerra,
Como as cinzas de meu pai;
Onde passei venturoso
Um tempo tão precioso,
Que longe de mim já vai!...

Philadelpho Augusto Ferreira Lima.

No album d'uma Yayá.

Abriste aqui flor singela
O teu calix innocente
Ao som da brisa dormente
Que vem contigo brincar;
Ao tepido sopro da brisa
Não te illudas, flor singela,
Que como a brisa a procella
Tambem te pode embalar!

Por esses beijos da brisa
Não te tornes orgulhosa,
Que não se torna vaidosa
Quem não quer rojar no pó;
Conserva-te assim singela
E não te tornes querida,
Que pode roubar a vida
Da procella um sopro só!

Campos, Agosto 1849.

Salomon.

— 172 —

Muito digna redactora em chefe.—Amiga que sou de praticar o que está ao meu alcance em beneficio do meu proximo, leva-me ao ponto de fazer, até este sacrificio de escrever, para cujo trabalho tenho uma aversão que não fazeis idéa! Mas os melancholicos, os melancholicos merecem-me muita attenção. Não posso ver um melancholico sem soffrer de alguma fórma sua pesada existencia; interesse-me, converso com elle, faço o que é possivel, entre o meu dever e o amor do proximo, para o distrahir do fundo de sua melancholia, onde jaz meditando; e por isso tenho conhecido que a distração é um dos melhores remedios contra essa terrivel molestia. Talvez que o viajar lhes seja de grande proveito. E como as muitas curiosidades que ha no reino do *Amor* são mui proprias para distrahir, se as suas circumstancias o permittirem, podem tentar este giro; para o que dei-me ao trabalho de fazer a sua descripção geographica, pensando ter assim preparado um pequeno e humilde favor aos que resolverem-se a dar um passeio até lá. Leiamos este trabalho:

DESCRIPÇÃO GEOGRAPHICA

do reino do amor.

O reino do *Amor* confina com o paiz da *Sensibilidade*. As suas muitas raridades fazem com que milhares e milhares de *curiosos* ali estejam chegando continuamente de todas as partes da terra. Os seus habitantes são activos e industriosos, e entre elles faz grande progresso o commercio, que todo consiste em objectos de *importação*.

No reino do *Amor* é desconhecido o uso das *letras*, e por isso toda a transacção é concluída com o *dinheiro á vista*. Os seus portos de mar, são muitos, e mui frequentados por todas as nações do mundo, com as quaes se faz um excessivo *contrabando* por meio de habéis e inteligentes *corredores*, capazes de illudir á mais vigilante policia.

O terreno é fértil, não obstante ser, em partes, montanhoso.

O clima, em geral, é sadio; mas devem-se evitar certos *excessos*, e com especialidade o ar da noite.

É summamente agradável viajar por este paiz quando se conhece com perfeição a sua geographia, sem a qual é mui facil desencaminhar-se o viajante, por causa dos *ruins atalhos*, e de alguns *passos* difficultosos que não é possível evitar.

Tendo dado uma limitadissima idéa do *reino do Amor*, resta indicar o roteiro, que de ordinario costuma a seguir-se. Digo de *ordinario*, porque ha muitos viajantes que, visitando este paiz, são tão inimigos de rodeios, que deixão a *estrada real*, preferindo-lhe os *atalhos*; para não faltarem as necessarias advertencias, eis-aqui o seu verdadeiro itinerario:

Itinerario do reino do amor.

Com uma breve descripção topographica das suas principaes cidades, villas e aldeas.

Logo que se chega ás fronteiras de *Sensibilidade*, a primeira cousa que se encontra, entrando no reino do *Amor*, é a grande planicie de *Galantear*, na qual ha constantemente uma *feira franca*, onde se achão com abundancia as melhores *finezas*, *obsequios sortidos*, *excessos* de todo o lote, *superfinas perfeições exaggeradas*, *merecimentos affectados*, *desprezos apparentes*, *solemnes juramentos*, etc., etc.; porém como alguns destes *generos* são para ali conduzidos por agua, muitas vezes sahem avariados.

Tendo atravessado esta vasta *planicie*, e no fim della, acha-se a *estrada real*, que conduz á *Bella assembléa*, primeira cidade do reino com um espaçoso porto de mar e uma famigerada universidade, onde ha os melhores professores de *banca*, *ronda*, *ecarté*, *valsas*, *galope*, *schottisch*, e outras sciencias igualmente uteis, que concorrem para o progresso e boa educação da mocidade.

A meia jornada de *Bella assembléa*, um pouco desviado da *estrada real*, ha uma boa estalagem chamada *Olhar terno*, onde, de ordinario, se bebe um excellente vinho, porém tão doce, que escaudece em vez de refrigerar.

De *Olhar terno* vai-se á *Entrevista*, villa assás agradável pelas curiosidades que contém.

De *Entrevista* vai-se á *Paixão declarada*, villa muito populosa, cujos habitantes são de tal maneira *declamatorios*, que apenas se percebe o que dizem; tanto assim, que para se

explicarem, muitas vezes se contentão de *pisar o pé* ou *apertar a mão*, acompanhando estas acções com um certo *volver de olhos* e uma *pantomima* tão

— 173 —

significativa, que tira toda a equivocação do que pretendem dizer.

De *Paixão declarada* vai-se em pouco tempo á *Visita*, arrabalde pouco agradável, não só pelo seu local e pelas muitas formalidades que exigem os seus habitantes, mas também em razão dos máos commodos das estalagens, onde se não póde pernoitar por falta de camas, havendo apenas algumas cadeiras.

De *Visita* vai-se á pé á *Suspiro*, pequena aldea situada entre montanhas todas cobertas de moinhos de vento.

Logo á sahida de *Suspiro* encontra-se um rio caudaloso chamado *Condescendencia*, o qual se póde evitar tomando a estrada de *Cautela*, que não obstante rodear-se algum tanto, os mais prudentes preferem este caminho pela sua segurança. Comtudo, os que querem viajar sem demora por aquelle paiz, atravessão o rio e chegão mais depressa a *Cuidados*, villa grande, populosa e mui frequentada, por ficar na *estrada real* que conduz á *Arrependimento*, cidade maritima, com uma celebrada fabrica, onde se renova o fato usado, e se lhe tirão as nodoas com tanta perfeição que fica como novo.

De *Cuidados* vai-se a *Ciumes*, comarca assás grande, situada na encosta de um monte, em cujo cume ha uma pequena fortaleza, que serve de presidio aos *degradados*.

O viajante deve calcular de maneira a sua jornada, que não seja necessario pernoitar, nem mesmo demorar-se nesta *Comarca*, não só pela grande falta de commodidades que nella encontrará, mas também porque as aguas tem a singularidade de causar certas molestias; a uns *tira a vista*, a outros *excita furor*, a outros causa loucura, etc., etc., conforme o tempo e a *quantidade* que della se bebe. Em uma palavra nada ha mais feio que os arrabaldes da comarca *Ciume*, nem mais desprezivel e fastidioso que os costumes dos seus habitantes.

De *Ciumes* vai-se a *Protestações*, aldea pouco distante, cujos habitantes são mui liberaes, porém tem um grande defeito; não proferem uma só palavra sem ser acompanhada de juramentos horriveis, para autorisar a sua boa fé. Assim mesmo não se deve acreditar tudo o que dizem.

De *Protestações*, deixando a estrada real, e seguindo um atalho que fica á esquerda, vai-se á *Confidencia*, pequeno logar no fundo de um bosque, cuja estrada é um tanto difficil. Os seus habitantes são tão acautelados, que até se confessão reciprocamente uns aos outros.

De *Confidencia* vai-se á *Emprehender*, villa consideravel, cujos habitantes são bastantemente atrevidos. Perto desta villa havia antigamente um castello fortificado, chamado *Resistencia*, porém as continuas guerras o tem por alguma fôrma arruinado.

De *Emprehender* vai-se com algum trabalho a uma agradável cidade chamada *Posse*, que é como a capital da provincia. De todas as cidades do reino do *Amor*, esta é a que offerece o aspecto mais aprazivel por estar toda rodeada de jardins e labyrinthos, construidos tão engenhosamente, que entrando nelles, por maior que seja a companhia, insensivelmente se acha dividida em pares.

De *Posse* vai-se por uma estrada toda guarnecida de rosas até *Saciedade*, cidade populosa e pouco distante. Aqui os viveres são em grande abundancia, e summamente baratos; porém o ar do paiz é tão pouco sadio, que tira inteiramente o *appetite*.

De *Saciedade* chega-se com uma viagem de minutos á *Indifferença*, villa que só tem uma rua, porém muito comprida.

Aqui todos se nomeião, simplesmente, pelo seu nome de baptismo, havendo-se annullado para sempre por um antigo artigo da constituição daquelle paiz todos os *titulos, sobrenomes, epithetos e denominações*, taes como *meu caro, meu rico, minha cara, minha rica, meu bem, meu amorzinho*, etc., etc., etc.

De *Indifferença* vai-se pela *posta* a *Desprezo*, porto de mar sobre a costa, e d'ahi a *Abandono* e *Esquecimento*, duas ilhas que ficão fronteiras, e mui proximas uma da outra, donde cada um segue a direcção que lhe convém.

A capital deste famigerado paiz é uma celebrada cidade, quasi deserta, chamada *Amor Perfeito*, situada no interior do reino sobre uma alta montanha tão áspera e elevada, que ninguem lá póde subir em carruagem, nem a cavallo; e ainda mesmo a pé é summamente difficil, e por isso é rarissimo o viajante que se resolve a visital-a. É porém sabido que d'ali ao paraizo celestial apenas ha a pequena distancia de tres quartos de legua, estando-se assim em correspondencia diaria com os bemaventurados.

R. M.

NATALIA DE NARISHKIN.

(Continuado.)

— Eu não quizera, Natalia, continuou o fingido negociante, servir de obstaculo á vossa alta fortuna; mas.... separado de vós, a vida não seria mais para mim que um penoso fardo.

— Não duvido da inquietação que por ventura possais ter a este respeito, respondeu a moça com uma suave ternura. Se o imperador lançar suas vistas sobre mim, eu lhe direi que já não sou livre.... Nunca mudarei deste proposito.... Esta mão tão pobre é vossa.... só a vós pertence....

— Adeus, Natalia.... minha Natalia, até á primeira vista, diz o falso mercador. Um negocio urgente me chama á cidade; mas eu voltarei amanhã.

Antes de deixar Natalia, o imperador lhe cingiu em torno de seu pescoço um lindo collar de âmbar, no qual estava suspensa uma imagem dourada de S. Nicoláo; elle cobriu tudo com um véu que mesmo atou, e disse rindo-se:

— É o meu direito de noivo, minha Natalia.

Depois, tendo-se despedido della, a deixou precipitadamente.

Ao amanhecer do dia seguinte a proclamação do czar foi publicada em todos os districtos das cidades imperiaes. Mensageiros forão enviados á todas as provincias para convocar as bellas vassallas á preferencia e escolha do costume, para seu consorcio em Kremlin, sete dias depois desta galante intimação.

No dia determinado o negociante de Kasan não appareceu, apesar de sua promessa, nem no dia seguinte; e a semana se passou sem que elle apparecesse mais em casa de Malkoff.

Notou-se simplesmente que, contra seu costume, Malkoff ria-se muito. Elle quasi todos os dias era chamado á palacio. Por elle soube o czar que Natalia, confiando em sua promessa, esperava todos os dias sua visita; que, quando a boa Mathia, descontente pela tardança ou pela negligencia do negociante de Kasan o censurava, Natalia o defendia, fazendo repousar sua segurança sobre a honra e a santidade da fé promettida, com a qual seu futuro não poderia ser duvidoso, bem convencida que, quando o negociante voltasse explicaria claramente o mysterio de sua conducta. Apesar de sua repugnancia pela corte, como o czar devia ser obedecido, e como tinha elle mandado á Natalia, assim como a todas as outras bellas, o *toilette* de apresentação, era preciso que ella se dispozesse a comparecer.

O dia desta cerimonia chegou; Mathia empregou todos os seus cuidados em preparar sua cara pupilla. Natalia adornou seu collo com o collar de âmbar que suspendia a imagem de S. Nicoláo, e o envolveu com o véu. Estes dons preciosos ella queria leval-os como um protesto contra o chamado que lhe tinha sido imposto. Malkoff a acompanhou á Kremlin.

O aspecto da magnificencia do palacio imperial a admirou a tal ponto que ella sentiu-se aturdida e como fora de si mesma. Mas a multidão de moças reunidas na grande galeria lhe recordou o motivo que as fazia ali estar, e procurou collocar-se no ultimo lugar, concentrando todos os seus pensamentos em um unico: a fé promettida ao negociante de Kasan.

O som estridente das cornetas annunciou a approximação do imperador; todas as moças, conforme a etiqueta prescripta, se collocarão em primeiro lugar; por este movimento Natalia se achou á vista de todos, máu grado seu; o seu tutor estava a seu lado. Depois as portas da galeria se abrirão, e o czar appareceu com todo o esplendor da magestade, com a coroa na cabeça; toda a sua pessoa brilhava com as muitas preciosas pedras que gravavão os bordados dos seus vestidos. Seguido dos senadores e generaes de sua casa, elle caminhava lentamente, dizendo com um sorriso algumas palavras amaveis á proporção que percorria o circulo das jovens bellezas, entretanto que seus olhares procuravão evidentemente alguem no meio dellas. Elle avistou Natalia e se dirigiu para seu lado. Confusa, embaraçada, a moça tinha obstinadamente seu olhar baixo, quando Malkoff lhe disse ao ouvido:

— Erguei os olhos, minha filha; vosso soberano se dirige a vós.

Ella os levantou com esforço, e olhou para a elegante figura do imperador que se achava diante della; mas reconhecendo seu noivo na pessoa do mais poderoso entre os poderosos.... ella mediu com um lance d'olhos a immensa distancia que a separava d'elle, e tomada de profunda dôr, cahiu sem movimento nos braços do seu tutor. O czar fez um signal, uma porta se abriu, e Natalia foi conduzida a um gabinete

JORNAL DAS SENHORAS

A Estrella da minha vida.



And.^e

Canto

Piano

A estrella da minha vi-da Não a di-vi-zo no

Cé-o. E' á meo lado na terra que ru li la o nor-te

meo. Não é' brisa, nem é relva, Nem ar - royo, mar ou

flor; E' so - mente um o - lhar mei go In cen

dia do de a mor. Não é' bri sa, nem é



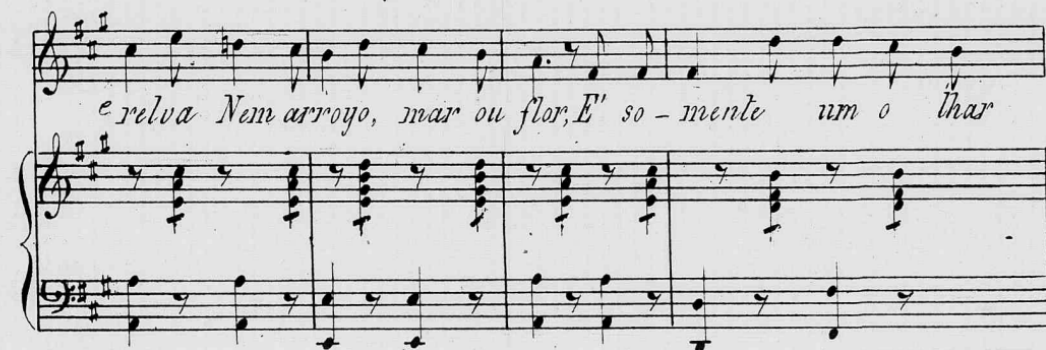
relva, Nem ar-rogo, mar ou flor; E' so mente um olhar

This system contains the first line of the musical score. It features a vocal melody in the upper staff and a piano accompaniment in the lower staff. The lyrics are written below the vocal line.



meigo In cen dia do de a mor. Não é bri-za, nem

This system contains the second line of the musical score. The vocal melody continues with the lyrics, and the piano accompaniment provides harmonic support.



e relva Nem arroyo, mar ou flor, E' so - mente um o lhar

This system contains the third line of the musical score. The vocal melody and piano accompaniment continue, with the lyrics written below the vocal line.



meigo In cen dia do de a mor, E' so mente um o lhar

This system contains the fourth line of the musical score. The vocal melody and piano accompaniment continue, with the lyrics written below the vocal line.



meigo In cen dia do de a mor.

This system contains the fifth and final line of the musical score. The vocal melody and piano accompaniment conclude the piece, with the lyrics written below the vocal line.

onde o imperador se achava, tendo entrado por uma outra passagem.

— Malkoff, diz elle a seu velho preceptor, deponde sobre este divan vosso precioso fardo, mas ficai para ser testemunha do juramento que vou renovar. Neste momento, Natalia tornou a si, fez um gesto de espanto vendo o czar, e quiz afastar-se.

— Não repulseis, cara Natalia, a innocente alegria de vossa presença, lhe diz docemente o czar, e perdoai-me as provas porque vos fiz passar; eu repararei minhas faltas pelo dom de meu coração, de minha mão, de meu throno, de toda minha vida.... Vossas cores voltão, minha querida Natalia.... mas deixai circular o ar livremente em torno de vós.... Vosso Alexis póde ter o direito de desprender vosso véu?

— Era o direito do noivo, ao qual eu tinha dado minha palavra, senhor.... eu não deixei de crer nelle, porque o julgava junto de meu coração, e o imperador unicamente tinha o direito de reclamar a promessa feita ao negociante de Kasan.

— Meu velho amigo, diz o czar a Malkoff, vou para a sala do throno; logo que Natalia estiver inteiramente restabelecida vós a levareis para junto de mim.

Poucos instantes depois, a venturosa Natalia foi conduzida até junto ao throno.... o czar descendo, lhe deu a mão e a collocou a seu lado, proclamando-a imperatriz de todas as Russias.

Natalia Narishkinn, esposa de Alexis Michelowitz, foi mãe de Pedro o Grande. Sabia-se que depois da morte de seu esposo ella se recolheu, segundo o costume, ao mosteiro de Berezoff, onde as viúvas dos imperadores eram obrigadas a enclausurar-se. Sahindo do claustro por vontade de seu filho, ella deu provas de uma grande energia no meio dos sanguinosos acontecimentos de uma tempestuosa minoridade. Estas perturbações eram excitadas pela ambição da princeza Sophia, irmã de Pedro, mas de primeiras nupcias. Então na revolta dos Strelitz, vendo massacrar quasi a seus olhos uma parte de sua familia, que o imperador tinha tirado do exilio e accumulado de honras, Natalia Narishkinn procurou para seu filho um refugio ao pé da imagem de S. Nicoláo, fazendo-lhe trincheira de seu corpo, ella inspirou tal respeito aos assassinos, que se retirarão tomados de espanto.

Pedro o Grande amava sua mãe, e por tal forma que enquanto elle viveu conservou o maior ascendente sobre este character fogoso. Sua morte foi um luto geral no imperio, onde suas virtudes a tinham feito adorar.

(Traduzido do inglez.)

O CURUPIRA.

Por falta de espaço deixou a typographia de publicar, no *Jornal das Senhoras* de domingo passado, este pequeno artigo dirigido á digna redacção do *Jornal Curupira*. O grande apreço que nos merece este valente e espirituoso jornal litterario, e a consideração de que se torna credora sua redacção, nos fizeram sentir uma tal omissão, que demorou por mais alguns dias a manifestação do nosso reconhecimento e do vivo interesse que tomamos pela sua prosperidade. Que esses jovens, intelligentes e cheios de amor patrio, não esmoreçam, e caminhem constantes na senda litteraria que incetarão; a sociedade é morosa no premiar, mas ella sabe coroar com os louros da distincção a intelligencia perseverante da illustração do seu paiz.

Queira a digna redacção do *Curupira* aceitar um aperto de mão, esse signal de amizade fraternal, com o qual se devem entender as almas bem formadas e os corações devotados á prosperidade e progresso litterario da sua patria.

Da Redacção.

CHRONICA DA QUINZENA.

Se me fosse permittido referir-vos o que eu sei... os factos e noticias diversas acontecidos nestes quinze dias... oh! traçaria uma chronica de vivo interesse á curiosidade de muita gente... seria mesmo uma chronica importante para o gosto da época! Mas, não passaria de uma chronica particular para cuja garulice nenhum geito Deus me deu. Não louvarei aos que se occuparem da vida alheia levando ao dominio publico

— 176 —

aquillo que ao publico não póde convir; precedentes taes, serão principios sempre funestos, e péas ao progresso da civilisação do nosso paiz.

Muito bonito! Mas onde vai parar a Sra. D. Bellona dando começo por uma tal fórmula a esta chronica! Ora queira ter a bondade de se não metter por entre os mil escaninhos desta questão: todos sabem, até certo ponto, que fallar da vida privada do seu semelhante, é indício de máo character. Vamos á chronica, que o mais, é serrabugenta.

Apezar de já principiarem os arranjos e preparos de verão para a residencia de campo, entretanto o bulicio da corte ainda não cessou; o dia dois de dezembro natalicio do nosso Excelso Monarcha ainda prende a boa sociedade em os seus principios de acatamento e esperanças de gozar mais esse dia de prazer para todos os corações brasileiros: a noite lyrica desse dia ainda pertence aos dilettanti, que junto ás harmonias de Rossini, no seu coração palpitante, querem fruir tambem as harmonias patrias de um natalicio imperial e tão querido.

SS. MM. II. fizerão na terça feira um longo e lindo passeio afim de visitarem a caixa do encanamento de S. Clemente, no rio Cabeça, e Jardim Botanico. S. M. o Imperador ao chegar ao Jardim, em cujo palacete forão recibidas as augustas pessoas pelo Exm. Sr. Candido Baptista de Oliveira e sua familia, depois do esplendido almoço por este Sr. lhes offerecido, montou a cavallo, e seguiu a examinar a caixa, e tendo visto as duas nascentes d'agua dirigiu-se á Gavia, voltando ao Jardim ás 3 horas da tarde, donde se retirou ás 5 horas tendo antes aceitado um magnifico jantar, tambem offerecido pelo Exm. Sr. Candido Baptista de Oliveira.

Foi um dia de alegria por aquelles logares; os cavalleiros, a gente de carro e a pé, que cruzavão todas as estradas, e passeavão no Jardim, a banda de musica que tocava, que espalhava sonoras vibrações por entre a viçosa folhagem daquelle frondoso arvoredado... Sim, offerecia, não só um aspecto imperial, mas uma doce consolação ao pensamentear terno e sensivel.

Os ultimos bailes desta estação teem sido mui concorridos e animados. O Cassino esteve um Céu de bellezas, um recinto de luxo, de grandeza, o imperio da moda e do bom tom. O baile dos Militares, o Campestre, a *Phil'Euterpe*, a *Sylphide*, todos estiverão brilhantes e muito animados; em todos elles notei grande concurrencia, lindas e interessantes moças, *toilettes* lindissimos, e um interesse, um movimento geral, que os tornou encantadores, e por isso mesmo mais saudades hão de deixar com os seus tres mezes de ferias até o anno que vem.

O Sr. Conde de Iguassú obsequiou aos seus amigos com um baile a semana passada, ao qual concorrerão as notabilidades do paiz e o mundo elegante em todo o rigor do luxo e dos encantos do seu bom-tom. A função foi esplendida e o bom gosto do Sr. Conde, nada deixou a desejar aos seus numerosos convidados.

Tem satisfeito completamente o theatro lyrico os desejos do publico em geral e dos *dilettanti* em particular; em poucos dias tivemos a repetição das operas *Rainha de Chypre*, *Favorita*, *Macbeth*, *Semiramis*, e brevemente subirá á scena *I due Foscari* que está quasi prompta de ensaios. Todas as *primas donas* representarão, os Srs. Gentili e Laboccetta tambem, de sorte que não póde haver razão de queixa: os Cezares e os Pompeos devem de

estar satisfeitos; se uns não se contentarão pelo ouvido, outros forão compensados pelo coração. Agora o que resta é que a digna commissão do Provisorio pondere maduramente sobre a alta conveniencia de fechar o theatro durante a estação do verão. Se ella o fizer, e cerrar os ouvidos a clamores infundados, ella reconhecerá, ao abrirem-se de novo as portas do theatro, a grande vantagem desta medida, e o immenso serviço que prestão ao publico do seu paiz.

O *soirée* musical que devia ser dado a semana passada em beneficio do Sr. Klier Junior foi transferido para o 1.º de dezembro. Está me parecendo que o beneficio do Sr. Tronconi terá igual sorte! Ambos estes *soirées* serão dados no pavilhão do Paraíso.

Rematarei este artigo, dizendo-vos um adeus, queridas leitoras, até o mez que vem.
26 de Novembro.

Bellona.

ERRATA.

Na ultima parte da descripção do roupão da estampa n. 46, do Jornal de domingo passado, deveis ler, querida leitora, como vai agora escripto, livre dos erros typographicos.

Cabeção a Talma e mangas á veneziana.

« Estes roupões, preciso é dizer-vos querida leitora, forão admittidos neste verão ao luxo das elegantes que estão a banhos em Trouville ou em Diep, para á tarde ou á noite resguardarem-se do ar, fazendo-lhes as vezes de um grande chalé ou paletot. »

Offerecemos com este n. 48 ás nossas assignantes uma terna modinha—A ESTRELLA DA MINHA VIDA—composição de um nosso patricio Paulista. Pedimos que estudem e cantem, porque é muito bonita.

Typ. do Jornal das Senhoras, de Santos & Silva J.or, rua da Carioca n. 32.